

CARTA A MARIA BRÍGIDA DE MIRANDA

Fabricio Theiss (Universidade Federal do Maranhão - UFMA)¹

RESUMO

No segundo semestre do ano de 2018, participei como aluno especial da disciplina Introdução ao Teatro Feminista, ministrada pela professora Dra. Maria Brígida de Miranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Essa experiência suscitou em mim o desejo de pesquisar possíveis desdobramentos em relação a um autorretrato concebido por mim e por um amigo artista, no ano de 2012, para ritualizar o meu casamento. Ao entrar em contato com os xamanismos e as bruxarias de mulheres artistas e feministas, bem como de performers que transgridem as noções normativas de gênero, reconheci um caminho de investigação que envolve minha própria identidade que, hoje, está em performance por intermédio de minha pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arte Cênicas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na linha de pesquisa Processos e Poéticas da Cena, sob orientação da Professora Dra. Fernanda Areias de Oliveira. Esse artigo descreve algumas memórias e sensações vividas no decorrer da *disciplina Introdução ao Teatro Feminista*. Escrito no formato de carta e endereçado a professora Brígida, aborda a importância das epistemologias feministas e de gênero, base de estudos da disciplina ministrada por ela e que fazem florescer, a cada dia, a busca para a descolonização do meu imaginário enquanto pessoa e artista, bem como a busca pela politização das feridas causadas pelo percurso interrompido rumo ao ideal do masculino hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE

Teatro feminista; gênero; carta; escrita performativa; pesquisa em artes.

ABSTRACT

¹ Mestrando em Artes Cênicas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

During the second semester of 2018, I participated as a special student in the course Introduction to Feminist Theater, taught by Professor Dra. Maria Brígida de Miranda in the Postgraduate Program in Theater at the Federal University of the state of Santa Catarina – UDESC. This experience led me to the will to research possible developments in relation to a self-portrait created by me and an artist friend, in 2012, to ritualize my marriage. By getting close to shamanisms and witchcraft of artist and feminist women, as well as performers who transgress normative notions of gender, I recognized a path of investigation that involves my own identity which is, today, in performance through my research developed in the Postgraduate Program in Performance Art at the Federal University of Maranhão – UFMA, under the supervision of Professor Dra. Fernanda Areias de Oliveira. This article describes some memories and sensations experienced during the course Introduction to Feminist Theater. It is written in the format of letter and addressed to Professor Brígida. It addresses the importance of feminist and gender epistemologies, which are the basis of studies of the course taught by her, and which make the search for the decolonization of my imaginary as a person and as an artist flourish every day, as well as the search of the politicization of wounds caused by the interrupted path towards the ideal of the hegemonic masculine.

KEYWORDS

Feminist theater; gender; letter; performative writing; art based on research.

Querida professora Brígida,

Acabo de ler o seu artigo nos anais da ABRACE 2020, sobre a disciplina *Introdução ao Teatro Feminista*. Senti uma forte alegria ao me perceber inserido no seu escrito, pois estava presente naquela primeira aula do ano de 2018 quando escrevemos com carvão os nomes de mulheres avós, mães, artistas, atrizes, diretoras, iluminadoras, e outras, no chão da arena aberta do CEART. Lembro de passar pelo local na semana seguinte e ainda ver aqueles nomes escritos e já em processo de apagamento sobre o chão, quanta simbologia! Lembro também das sensações que me atravessaram ao subir até a sala, logo após essa atividade de abertura da disciplina. Ao vivê-la, de alguma forma, ressignifiquei a escola, o aprendizado, os saberes do corpo e as bruxarias que minha mãe fazia com ervas e folhas para curar minhas dores e machucados de menino.

Vivemos um período difícil juntas, que foi aquele tsunami de violências por conta das eleições de 2018 e seu terrível resultado, que só confirmou a urgência de firmarmos os campos das epistemologias feministas e de gênero. Não é tarefa fácil, sabemos, mas como você mesma disse em uma das aulas, podemos ser também água!

Isso tudo me fez chegar até aqui, nessa carta que agora lhe escrevo, com o coração carregado de emoção. Quando aprovado para ser aluno especial na disciplina *Introdução ao Teatro Feminista*, me encontrei apreensivo. Minha relação com as temáticas de gênero se dava através da minha relação empírica com o gênero que me foi atribuído no dia do meu nascimento, pela participação de alguns eventos organizados por coletivos LGBTQIA+ da minha cidade, e pelo pouco contato que tive com a teoria feminista e os estudos de gênero até então. Mas já em nas primeiras aulas me senti abraçado pelas colegas e pelos colegas da turma e também por você, que fazia questão de instaurar uma atmosfera acolhedora durante nossos encontros semanais.

Para além daquele laço fraterno construído entre você, eu, as pessoas da turma e as pessoas convidadas e que cruzaram nossas vivências, floresceu em mim o desejo da pesquisa. Eu era noiva no âmbito privado e pressenti que expor isso publicamente e pesquisar outras possibilidades de performatividade, que fugissem das normativas hegemônicas, poderia ser um modo de reconstruir minha subjetividade e de contribuir para a expansão do campo das epistemologias de gênero e feministas² nas Artes da Cena.

² Me inspiro no termo *masculinidade feminista*, proposto pela autora afro-feminista estadunidense bell hooks para designar as pessoas que se identificam com o gênero masculino e que se engajam nas causas feministas, conscientes de que suas masculinidades não são um estado de *ser*, e sim, *performance*. “O cerne da masculinidade feminista é um compromisso com a igualdade de gênero e a mutualidade como cruciais para a integração e a parceria na criação e manutenção da vida” (hooks, 2004, p. 118. TRADUÇÃO MINHA).



Autorretrato *O noiva* (2012)
Crédito: Léo Kufner

Desde que me tornei espectador do autorretrato acima, que concebi para entregar a minha companheira como um modo de ritualizar o nosso amor, tenho me dedicado a refletir sobre os procedimentos disciplinares que me levaram a construir minha masculinidade, fundamentada por preceitos hegemônicos patriarcais. Ao analisar os contrastes da imagem, compreendi que ela me afetava profundamente e me instigava a reelaborar experiências vividas desde a infância. Noiva foi um dos apelidos com conotação feminina que recebi ainda menino. Esse codinome me intrigou desde a primeira vez que trocaram o meu nome por ele. Acreditei ser oportuno performá-lo ao viver um amor heterossexual, e assim, selar minha parceria de vida com outra pessoa nos desassociando dos contratos maritais e alianças impostas pela instituição do casamento ocidental.

Essa imagem e essas questões são desdobradas em minha pesquisa de Mestrado que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão, com orientação da professora Dra. Fernanda Areias de Oliveira. Viver a cultura do Nordeste era um desejo antigo, assim, acreditei ser oportuno me deslocar territorialmente para realizar a pesquisa, pois isso poderia proporcionar deslocamentos subjetivos impensáveis.

Antes de embarcar para o Maranhão, decidi criar um ritual de abertura para iniciar a pesquisa, uma performance, na minha cidade, Blumenau, e assim, trazer a público a entidade feminina que poetizava meu imaginário desde menino. Convidei algumas amigas e amigos artistas para testemunharem esse acontecimento. Para conceber o roteiro de ações da performance, rememorei alguns processos de docilização³ sofridos pelo meu corpo para me tornar um homem adulto autogerenciável. Assim, resgatei sensações que me eram recorrentes durante essa jornada, como a rejeição, a baixa autoestima, a raiva e o cansaço. Criei movimentos corporais de acordo com o modo como cada uma dessas sensações me atravessavam ao recordar tais episódios. A ideia era a de dançar essas sensações durante a performance por meio desses movimentos, criando assim um espaço de possíveis conexões entre as pessoas presentes. Envio algumas imagens da performance para quem sabe, estender as conexões passadas até você.



Performance *O noiva* (2019)
Registro: Sabrina Marthendal

³ Me refiro aos processos de limitações, proibições e obrigações que o poder dominante impõe sobre os corpos através das instituições sociais para a manutenção das estruturas sociais de poder (FOUCAULT, 2014, p. 139-166).



Performance *O noiva* (2019)
Registro: Sabrina Marthendal



Performance *O noiva* (2019)
Registro: Sabrina Marthendal



Performance *O noiva* (2019)
Registro: Sabrina Marthendal

Analiso as ressonâncias geradas por essa criação em minha dissertação de Mestrado. O que eu queria, Brígida, era mesmo lhe mostrar um pouco do que tem se passado durante a pesquisa. Fato é que, ao retirar alguns véus e me des-cobrir noiva para o público, me descobri também um *soldado* que insiste em marchar os comandos do sistema patriarcal. Isso me fez crer que o meu feminino também foi constituído pelos mesmos processos docilizantes que consolidaram minha masculinidade, e então, começo a perceber que a *noiva* e o *soldado* são figuras binárias performativamente constituídas por minha subjetividade patriarcalizada.

Busco agora, Brígida, um caminho para friccionar a dualidade *noiva/soldado* e, assim, tentar gerar possíveis outras formas de me relacionar com as artes, com as pessoas e com o cosmo. É um processo de desconstrução mesmo. Um destruir e construir simultâneo. Às vezes, Brígida, me acho ousado por isso, às vezes fraco e outras vezes velho. Talvez o contexto pandêmico contribua com a sensação que tenho de que a força do patriarcado branco ultra capitalista seja incontrolável. Entretanto, tenho questionado o significado de algumas palavras, força é uma delas. Penso que a educação patriarcal nos faz crer que nossa sensibilidade é sinônimo de fragilidade. Assim, prossigo a pesquisa tentando procurar minhas fragilidades e coloca-las em performance para ver o que sai disso. E aí, tenho que lhe dizer, a leitura da carta de Lucia Sander *Sobre pepinos frescos, peras e maçãs*, indicada por você na qualificação

do meu trabalho, me acariciou a alma. A carta de Lúcia comprova o quão o feminino é política e socialmente estigmatizado como fraco, insignificante e vulgar ao longo da história da humanidade - tenho ressignificado também as palavras fraco, insignificante, vulgar, história e humanidade. Esse fato evidencia, a meu ver, o quão as masculinidades dissidentes, pelo motivo de serem relacionadas ao feminino, tem suas subjetividades afetadas pelo ideal da masculinidade hegemônica. Lúcia me diz que o que procuro está no cotidiano, nas artes de viver a vida.

Enquanto procuro maneiras de me afastar das representações normativas, ainda me ancoro em algumas manias eurocêntricas que me desviam do que de fato acredito ser essencial. Nesse ponto, Lúcia me faz perceber que o que procuro está em meu alcance, nas receitas vegetarianas que invento, nas velas que acendo em casa para iluminar os meus pensamentos, nos escalda-pés que faço com minha companheira em nossas atividades caseiras de autocuidado, na energia que emana para que todes tenham saúde, nos afetos que posso propor pelo teatro on-line, nos escritos que preciso me dedicar nesse mundo de agora sem os encontros físicos, nas manifestações políticas esquerdistas que clamam pela retirada da milícia do poder. O que procuro está mesmo no que eu intuía: nos *pepinos frescos, nas peras e nas maçãs* que eu pego todas as semanas na feira, nas anotações a lápis que faz a feirante em qualquer lugar de seu caderninho quando fico devendo alguns dinheiros e penduro para a semana seguinte, em seu sorriso por detrás da máscara acompanhado de uma piscadinha ao encontrá-las quando vou acertar minha dívida. Lúcia confirma que a minha pesquisa é sobre vínculos, relações e afetos. Lúcia me pede para que eu prossiga com minha intuição. **PRECISAREMOS SER MAIS ARTISTAS.**

No seu artigo, Brígida, esse que acabo de ler, há uma frase que você cita, também de Lúcia, que me instigou uma indagação em relação ao que investigo: “tudo o que foi perdido corre o risco de ser encontrado, e tudo o que se encontra já estava lá para ser des-coberto” (SANDER *apud* MIRANDA, 2019, p. 8). A autora se refere as obras de mulheres artistas, que assim como elas, foram propositalmente esquecidas e apagadas. Tomo essa citação e a trago para um outro caminho de pensamento e me pergunto: onde está a alma das pessoas ditas, consideradas e autodeclaradas como homens? Quando, nós homens, a perdemos? Será que um dia seremos uma sociedade na qual os homens ouvem, sentem, tocam e conversam com suas almas? Não sei. Penso que se os homens se debruçassem a pesquisar suas próprias subjetividades não se

preocupariam mais em tentar sufocar, apagar, estuprar, violentar e matar mulheres e suas obras de vida para serem os donos do mundo.

Quero que saibas, professora Brígida, que aqueles nossos encontros, ocorridos no ano de 2018, mudaram os rumos da minha vida como pessoa e como artista, e me fizeram encontrar um atalho para seguir em performance. Receba toda a minha gratidão, admiração e carinho com um longo abraço.

Até muito em breve!

Fabricio

REFERÊNCIAS CITADAS

HOOKS, bell. **The will to change: Men, masculinity, and love.** Nova York: Washington Square Press, 2004. 188 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão.** 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 302 p.

MIRANDA, Maria Brígida de. **Teatro feminista na pós-graduação** – Uma experiência na criação e condução de uma disciplina acadêmica. Anais ABRACE v.20, n. 1 (2019): X Reunião Científica ABRACE.

SANDER, Lucia V. **Sobre pepinos frescos, peras e maçãs.** Florianópolis: Revista Urdimento v.2 n. 21. 2013, p. 18-19.